

J. L. Pio Abreu, *A Queda dos Machos.* *Cartas às Minhas Amigas*

J. L. PIO ABREU (2016). *A Queda dos Machos. Cartas às Minhas Amigas*. Alfragide: Dom Quixote, 192 p.



A «queda dos machos» nas relações hodiernas entre homens e mulheres

A publicação, ainda no ano de 2016, de *A Queda dos Machos. Cartas às Minhas Amigas*, pelo Médico Psiquiatra e Professor Universitário José Luís Pio Abreu,¹ constituiu uma autêntica pedrada no charco em Portugal, pela forma original, acessível ao grande público e manifestamente polémica com que é abordado um tema ideologicamente sensível e que estará ainda longe de reunir consenso. O autor convida os leitores, em particular as suas amigas, a reflectirem sobre as consequências, na relação entre homens e mulheres, de um «feminismo» tendencialmente nivelador, que entretanto se instalou na sociedade hodierna. Valendo-se dos conhecimentos em diversas áreas científicas

¹ José Luís Pio Abreu é doutorado em Psiquiatria pela Universidade de Coimbra. Ao longo de quatro décadas exerceu a sua actividade de Médico Psiquiatra nos Hospitais da Universidade de Coimbra e de docente na Faculdade de Medicina da mesma universidade. Tem feito investigação e orientado cientificamente jovens investigadores fundamentalmente no âmbito da Psiquiatria Biológica e das Psicoterapias. Tem igualmente vindo a realizar uma séria reflexão crítica sobre aspectos de índole vária relacionados com a teoria e a prática clínica da Psiquiatria, no âmbito da qual publicou vários livros, alguns dos quais contaram com um êxito considerável nos mercados nacional e internacional: *O Tempo Aprisionado: Ensaios não Espiritualistas sobre o Espírito Humano* (2000), *Comunicação e Medicina* (1998), *Como Tornar-se Doente Mental* (2002), *O Modelo do Psicodrama Moreniano* (2006), *Quem nos Faz como Somos* (2007), *Introdução à Psicopatologia Compreensiva* (2011, 5.ª ed. revista e aumentada), *Estranho Quotidiano* (2012) e *O Bailado da Alma* (2014).

que apoiam o exercício da sua prática clínica (cf. *ibid.*, p. 12), Pio Abreu propõe-se, ao longo das suas 20 cartas, redigidas num estilo «paradoxal»,² «dar voz aos homens enquanto escrev[e] às mulheres e também os defendendo enquanto as enalte[ce]» (*ibid.*, p. 22), sem ter todavia a pretensão de dar conselhos, mas apenas de ajudar a pensar (cf. *ibid.*).

O título do livro de recorte ensaístico em apreço é, desde logo, assaz provocatório, como aliás a maioria dos livros de Pio Abreu. A ilustração da capa reproduz a serigrafia *Beijando Magritte* (*Kissing Magritte*), do jovem artista plástico britânico Joe Webb (*1976), que recria e reinventa colagens de imagens principalmente da década de 50, abdicando acintosamente do recurso às modernas tecnologias. *Beijando Magritte* é obviamente um pastiche do célebre auto-retrato do artista belga *O Filho do Homem* (que sintomaticamente Pio Abreu já havia usado em 2002 na capa do seu famoso livro *Como Tornar-se um Doente Mental*), em que se vê um homem de fato e de chapéu de coco com o rosto tapado por um maçã verde pairando no ar, por cima da qual espreitam os olhos, meio escondidos da figura. Numa entrevista dada ao jornalista Jean Neyens, em 1965, Magritte terá dito a propósito deste seu famosíssimo quadro, por ele próprio e por muitos outros artistas tão reiteradamente glosado, que tudo aquilo que se vê esconde outra coisa e que é precisamente essa outra coisa escondida que suscita mais interesse no receptor, sensível a uma espécie de tensão conflitual entre o visível que está oculto e o visível que está presente (*apud Torczyner*, 1977, p. 172). Na mesma linha do seu inequívoco intertexto, Joe Webb explora nesta colagem, através do apagamento do rosto e da identidade do protagonista masculino, esse jogo entre o ser e o parecer, bem como uma certa ideia de perda, de romance, de mistério e de nostalgia, temas recorrentes na sua obra.

A capa de *A Queda dos Machos* foi de facto muito bem escolhida, pois o conflito entre o visível e o oculto e o apagamento identidade masculina, associados às ideias de perda, de romance, de mistério, e até de uma certa nostalgia, resumam igualmente das cartas que o autor dirige às suas amigas e mulheres suas contemporâneas. Com efeito, esta criativa e escorreita narrativa epistolar redonda basicamente numa reflexão em torno de uma tendência, que o autor verifica actualmente, para um esvaziamento da identidade de género nos «homens masculinos heterossexuais», expressão reiteradamente utilizada por Pio Abreu. Sublinhando que se bate pela emancipação das mulheres e que não

² O mesmo estilo «paradoxal» foi usado por Pio Abreu no seu famoso livro *Como Tornar-se um Doente Mental*.

defende nem promove de modo algum «o machismo» (*ibid.*, p. 22), o autor assume-se desde logo como sendo ideologicamente de Esquerda – «seja lá o que isso for», mas que associa ao seu «optimismo antropológico», pois acredita «nas pessoas em geral e na sua capacidade de se governarem democraticamente» (*ibid.*, p. 16) – e como «homem masculino heterossexual» (*ibid.*, p. 14, *passim*), uma identidade, na sua opinião, muito desprezada pelo *mainstream* cultural (cf. *ibid.*, p. 16).

Na génese das 20 cartas que Pio Abreu dirige às suas amigas em discurso directo está assim a seguinte percepção da realidade hodierna:

Algo vai mal neste nosso Reino Ocidental e, em particular, neste país. A natalidade a baixar, a sociedade envelhecida, mas com famílias cada vez mais pequenas e sem elos intergeracionais, já que os idosos são abandonados em lares, os filhos cada vez mais tardios e isolados, os laços interpessoais cada vez mais efémeros e menos profundos, a Medicina a tratar de tudo, a tecnologia da comunicação a desenvolver-se explosivamente sem que a consigamos acompanhar, a existência de uma ilimitada capacidade de comunicação instantânea à distância que substitui a comunicação interpessoal, mesmo que as pessoas estejam co-presentes, uma população cada vez mais acrítica e ensimesmada. (*Ibid.*, p. 11; sublinhados meus).

Num discurso polvilhado de humor e ilustrado com descrições fantasiadas de casos baseados na sua prática psiquiátrica, Pio Abreu problematiza a maioria das narrativas afectas à identidade de género, que, na sua opinião, têm de algum modo abalado a ideologia de Esquerda, na medida em que, «em vez de defender as maiorias – os explorados e os trabalhadores –, ela se preocupa mais em defender as minorias, entre elas as chamadas minorias sexuais» (cf. *ibid.*, p. 16-17). O Médico Psiquiatra considera que o «papel masculino está em causa em todos os discursos emancipatórios» veiculados pelos «movimentos feministas» (*ibid.*, p. 21), que, a seu ver, privilegiam dados empíricos que vão buscar a disciplinas humanísticas «pouco científicas», como «a Economia, a Sociologia e o Direito», em detrimento das ditas «ciências exactas», como a Física, a Química a Biologia, a Genética, a Antropologia, a Anatomia, a Fisiologia e as Neurociências (cf. *ibid.*, p. 12-13). O autor afirma mesmo que

[as disciplinas humanísticas] sem perceberem o que é o humano, apenas veiculam narrativas que disfarçam a luta pelo poder que sempre fez parte da História. E o resultado são discursos e leis submetidos à prática neoliberal que criou as maiores assimetrias económicas e destruiu as populações pacíficas.

Em consequência, surgem radicalismos políticos que ameaçam a democracia, alguns deles, paradoxalmente, liderados por mulheres.» (*Ibid.*, pp. 12-13).

Dado não ser viável debruçar-me aqui sobre todas as complexas questões levantadas ao longo da vintena de missivas em apreço, tomo a liberdade de tecer algumas considerações em torno de apenas três dessas questões, pelo carácter manifestamente polémico de que se revestem no contexto da discussão sobre a identidade de género: a questão da memória, que configura os sistemas socioculturais, incluindo o de género; a questão da natalidade e consequente envelhecimento da população, de algum modo decorrentes do crescente «empoderamento» da mulher; e ainda a questão do «movimento cultural do *politicamente correcto*».

1. Memória e sistemas socioculturais

Pio Abreu defende que as instituições a que pertencemos (e.g., familiar, nacional ou autárquica, religiosa, clubística, profissional...) são «sistemas socioculturais» que se reconhecem através de símbolos (o nome da família, a bandeira, uma cruz ou ícones equivalentes) e de rituais (e.g., a refeição familiar, cerimónias protocolares, celebrações religiosas...) (cf. *ibid.*, p. 15). Estes «sistemas socioculturais», que existem em oposição uns aos outros, mas podem, e devem, coexistir pacificamente, têm em geral «uma continuidade histórica», mas também podem ser recusados em favor de outros alternativos (cf. *ibid.*). Pio Abreu sublinha que o género é igualmente um desses «sistemas socioculturais» (cf. *ibid.*, p. 16).

Os «sistemas socioculturais» conformam a identidade e «quando se postula um novo homem (ou uma nova mulher) liberto das marcas de género ou de qualquer outra pertença, quando se vislumbra um ser humano solitário feito terminal de computador, vivendo num eterno presente sem passado nem futuro» (*ibid.*, p. 17), Pio Abreu considera que se está mesmo perante um «retrocesso civilizacional». Esta realidade, na opinião do autor, desrespeita a história humana, a sabedoria antiga e a própria natureza (cf. *ibid.*, p. 18).

Os «sistemas socioculturais» a que alude Pio Abreu são configurados e consolidados pela memória. Não se trata obviamente da memória de base orgânica, neuronal ou fisiológico-cerebral (que é tão familiar a médicos, médicos psiquiatras e outros técnicos de saúde). Trata-se, sim, da memória exterior ao indivíduo que concorre para confomar a sua identidade. Como

indivíduos, estamos ligados com as nossas recordações biográficas a diversos horizontes da memória que se vão alargando a outros círculos: a memória da família, da geração, da sociedade, da cultura. Na verdade, o emergente interesse em torno da memória prende-se com a convergência de, pelo menos, dois factores. Em primeiro lugar, é inquestionável que os novos meios electrónicos de armazenamento externo de informação operaram uma revolução cultural comparável à invenção da imprensa, e até à da própria escrita. Em segundo lugar, tem vindo a difundir-se o sentimento de que aspectos diversos da tradição cultural europeia estão a chegar ao fim (a «Velha Europa», o «Velho Continente»), mas que todavia perduram como objectos da memória e da investigação crítica *lato sensu*. Com efeito, em torno do conceito de memória desenha-se actualmente um novo paradigma científico que permite a abordagem, em contextos variados, de diferentes fenómenos e campos culturais, como a Arte, Literatura, Política e Sociedade, Religião e Direito.

Na esteira de Bergson (em cuja filosofia o tema memória ocupa um lugar central) e de Durkheim (cujo conceito de «consciência colectiva» lhe forneceu os fundamentos para superar o subjectivismo bergsoniano e interpretar a memória como um fenómeno social), Maurice Halbwachs introduz em 1950 o conceito de «memória colectiva» (*mémoire collective*), defendendo a tese do condicionalismo social da memória, ou seja, um indivíduo criado em total isolamento não teria qualquer memória. A memória apega-se ao indivíduo apenas no processo da sua socialização, pelo que não existirá recordação sem percepção. Trata-se portanto de uma concepção social-construtivista do passado, ou seja, o passado não aflora naturalmente, ele é uma constante (re)criação cultural.

Mais recentemente o casal de investigadores alemães contemporâneos Aleida e Jan Assmann tem publicado, individualmente e em conjunto, uma série de trabalhos em que falam reiteradamente da importância da «memória cultural» (*kulturelles Gedächtnis*) na formação e configuração da identidade. A «memória cultural» prende-se com a tradição, com os textos, os quadros e os ritos que se consolidam ao longo de gerações, de séculos, mesmo de milénios, através de uma constante repetição, moldando a nossa consciência do tempo e da História, da nossa própria imagem e da nossa mundividência (cf. J. Assmann, 2006, p. 70; A. Assmann, 2006, p. 19). Aleida e Jan Assmann defendem assim que a «memória coletiva» halbwachsiana apresenta duas componentes: a «memória comunicativa» (*kommunikatives Gedächtnis*), que está ligada à «recordação biográfica» («*biographische Erinnerung*») e limitada à tradição oral das três gerações anteriores, e a «memória cultural» (*kulturelles Gedächtnis*), associada à «recordação consolidante» («*fundierende Erinnerung*»),

que se relaciona com o passado primitivo, com as origens, com objectivações fixas de índole linguística e não linguística, na forma de rituais, danças, mitos, modelos, trajes, jóias, tatuagens, trajectos, pinturas, paisagens, ou seja, com sistemas de sinais de todo o género (cf. Assmann & Assmann, 1994, p. 120).

Do horizonte da «memória cultural» aproximam-se os conceitos clássicos de «inconsciente colectivo» ou de mundo dos arquétipos de Karl Jung ou ainda o conceito de Super Ego de Freud. Não serei eu a pessoa mais indicada para dissertar sobre o impacto destes conceitos na formação da vida psíquica e identidade de cada um de nós, incluindo na questão em apreço da identidade de género. Através do conceito de Mundo 3, Karl Popper chamou igualmente a atenção para enorme importância da memória³. Sendo exterior ao cérebro humano, à pura individualidade e às suas vivências específicas, o Mundo 3 é efectivamente um prolongamento, uma extensão do nosso cérebro. O Mundo 3 – o dos produtos do espírito humano, das bibliotecas, do conteúdo dos livros, dos problemas científicos e das teorias, incluindo as erradas – é o mundo do conhecimento humano linguisticamente formulado, que distingue a linguagem do homem da dos outros animais, a sua função descritiva e argumentativa, e não meramente expressiva e comunicativa (cf. Popper, 1973; 1973a, *passim*). A «memória colectiva», como sistema de valores e moldura de referências, situa-se claramente no Mundo 3, que, como Popper demonstra, interfere, interage a vários níveis com os outros dois mundos (vd. nota 3). Da sofisticação do Mundo 3 é que emergem o espírito e a liberdade humana, aquilo é mais específico da sua natureza ao mais alto nível e que permite a evolução.

Mutatis mutandis, em *A Queda dos Machos*, Pio Abreu valoriza precisamente o papel das duas vertentes da «memória colectiva», a que mais se relaciona com o Mundo 3 popperiano, na formação da identidade *lato sensu*, incluindo da identidade de género. Pio Abreu defende que a Biologia e a memória coletiva continuam a ser parcelas que não podem ser de modo algum ignoradas numa equação que pretenda explicar as relações entre homens e mulheres. Criticando o discurso dos «movimentos feministas», que acabou por «esvaziar o papel masculino», Pio Abreu tenta demonstrar às suas amigas que elas têm muito mais a ganhar, nos planos afectivo, familiar e social, se fizerem um esforço para compreender e para aceitar as características específicas da identidade

³ Com ele interagem o Mundo 1, da física, das rochas, das árvores e dos campos físicos de forças, e o Mundo 2, o mundo psicológico, dos sentimentos de medo e de esperança, das disposições para agir e de todo o género de experiências subjectivas, incluindo experiências subscientes e inconscientes. Cf. Popper, 1973, 1973a, *passim*.

do «homem masculino heterossexual» (consolidadas na memória colectiva e nos produtos do Mundo 3 mediante práticas e rituais cujos significados profundos reflectem essas diferenças identitárias) do que em tentar moldá-lo à sua imagem e semelhança. A «tese provisória» do Psiquiatra português é a seguinte: «a identidade é aquilo que marca a qualidade social do ser humano» (Abreu, 2016, p. 15). E a identidade de género é igualmente conformada por «sistemas culturais» (armazenados na «memória cultural») através símbolos e de rituais, tais como, entre outros, a comunidade linguística a que pertencemos, o nome da família, a bandeira, uma cruz ou ícones equivalentes, a refeição familiar, cerimónias laicas e religiosas, eventos desportivos, etc. (cf. *ibid.*, p. 15). Pio Abreu valoriza assim o papel da memória colectiva (nas suas duas vertentes, a comunicativa e a cultural) na configuração da identidade género, algo com raízes muito mais profundas (incluindo na própria natureza biológica e neurológica) do que uma mera construção social pode levar a fazer crer.

2. A baixa taxa de natalidade e o conseqüente envelhecimento da população

A narrativa epistolar em apreço debruça-se igualmente sobre as conseqüências psicológicas e sociais da crescente perda da identidade de género a que os «homens masculinos heterossexuais» têm vindo a ser submetidos, principalmente desde a libertação sexual feminina nos anos 60, desencadeada pela comercialização da pílula anticonceptiva (cf. *ibid.*, pp. 37-40). As mulheres passaram assim a decidir autonomamente se querem, ou não, ter filhos, ou a adiar a gravidez (com todos os riscos que poderão advir de tal adiamento) em função de carreiras profissionais exigentes às quais tradicionalmente só os homens logravam aceder. Nesta competição com os homens pelas qualificações universitárias e carreiras profissionais, afirma Pio Abreu, elas têm vindo a levar a melhor, pois «ao contrário da narrativa bíblica da costela de Adão, vocês são o ser originário e perfeito, de onde resultou o degradado homem» (*ibid.*, p. 44). O adiamento (por vezes com conseqüências irremediáveis) do projecto maternal tem redundado não só num decréscimo de natalidade, mas também num exercício da maternidade por vezes asfixiante para os filhos únicos tardios, cujos pais são muitas vezes excluídos da sua educação (cf. *ibid.*, pp. 45-47). Neste sentido, Pio Abreu advoga que

as crianças precisam de modelos normativos, habitualmente encontrados em pessoas do mesmo género. Um filho educado sem pai trepa sobre o amor

incondicional da mãe e pode tornar-se perigoso. Ou então, se for educado contra o pai e contra a natureza dos homens, vai ter grandes dificuldades em se encontrar em paz com a sua própria natureza.

Eu, que não gosto de dar conselhos, atrevo-me agora a dar um: se tiverem um filho, não se esqueçam de interpor um homem entre vocês e ele. Até pode não ser o pai biológico. Mas o vosso filho precisa de alguém que lhe mostre que a mãe não é só para ele, e que a natureza dos homens é diferente da natureza das mulheres, coisa que, às vezes, vocês não sabem. (*Ibid.*, p. 46-47).

Pio Abreu reflecte assim ao longo das suas cartas sobre possíveis consequências para os homens, para as famílias e para as próprias mulheres do crescente *empowerment* feminino, alertando para as consequências relacionais, afectivas, familiares e sociais dessa tendência, já instalada, para o esvaziamento nivelador da identidade do «homem masculino heterossexual». Algumas dessas consequências consistem numa perda de qualidade do esperma, numa redução da frequência de relações sexuais e numa concomitantemente diminuição da taxa de natalidade (cf. Abreu, 2016, p. 49 ss.).

Esta questão da taxa de natalidade tem vindo a ser ampla e apaixonadamente debatida nos meios de comunicação social em toda a Europa, em especial desde o início do século XXI. Em Portugal, o livro de Pio em apreço, que irá decerto gerar também uma acesa polémica (provavelmente mais de índole mais ideológica do que científica), traz o assunto para fora da esfera dos especialistas, explicando-o numa linguagem simples, sem contudo fazer cedências científicas (veja-se, no final, a bibliografia que alicerça cada uma das 20 cartas).

O estilo paradoxal, bem como o discurso acessível, perpassado de humor e polvilhado de curiosas narrativas ilustrativas e cientificamente bem travejado de *A Queda dos Machos* fizeram lembrar-me dois grandes *bestsellers* de Frank Schirrmacher (1959-2014), um jornalista e conhecido editor da *Frankfurter Allgemeine Zeitung* que faleceu precocemente há pouco tempo. Refiro-me às obras *Das Methusalem-Komplott* [O *Complot* de Metusalém] e *Minimum* [Mínimo], vindas a lume respectivamente em 2004 e 2006, e que geraram acesas polémicas na imprensa periódica, nos *media* audiovisuais e na blogosfera de terras de além-Reno (vd. Ramalheira, 2012).

O primeiro incide precisamente sobre as consequências sociais, económicas e políticas do galopante envelhecimento da população europeia. Como afirma Schirrmacher, a Biopolítica (*Biopolitik*) está à porta do século XXI e aqueles que, como nós, viveram a passagem do milénio irão constatar que tal se prende não

só o início, mas também o fim da vida, o fim das nossas vidas (cf. Schirrmacher, 2004, p. 124).

Em *Minimum* – com um subtítulo que tende a compensar o moderno título minimalista: «Acerca do desaparecimento e ressurgimento da nossa comunidade» –, Schirrmacher debruça-se sobre a crescente indisposição das mulheres para terem filhos, devido a interesses decorrentes da carreira profissional e ao medo da perda de liberdades individuais e de segurança financeira (cf. Schirrmacher, 2006, *passim*). O decréscimo da natalidade intensificou-se na viragem social dos anos 70, uma época em que a decisão de não ter filhos correspondia a um novo modelo de vida, incentivado pela massificação do uso da pílula contraceptiva e propagado em *slogans* anti-autoritários (cf. *ibid.*, pp. 22, 36 ss.). Como resultado do irrefutável atrofiamento populacional da sociedade, bem com dos variados efeitos da globalização, assistir-se-á, no dizer de Schirrmacher, a uma redução do pequeno mundo em que nos movemos, das nossas famílias e amigos. Nas próximas décadas, as relações familiares e sociais, ou seja, «o capital social» (*das soziale Kapital*), serão, segundo o autor alemão, tão escassas como uma matéria prima rara (cf. *ibid.*, pp. 71-72 ss.). De acordo com Schirrmacher, na sociedade do futuro, o poder residirá na «economia moral» (*moralische Ökonomie*), no «capital existencial» (*existentielles Kapital*) e na «força primitiva» (*Urgewalt*) que vêm da família (cf. *ibid.*, pp. 22, 51, 161, *passim*). A família será, no dizer do jornalista alemão, cada vez mais o cerne, o principal porto de abrigo de uma sociedade reduzida ao mínimo. A diminuição de famílias resultará inevitavelmente numa intensificação da decadência de valores, que já hoje é evidente, na medida em que a família (principalmente através das mulheres) é a principal transmissora das referidas «forças primitivas» (*Elementargewalten*), como o altruísmo, a confiança e a solidariedade (cf. *ibid.*, pp. 46, 51, 57, *passim*). Schirrmacher atribui às mulheres (avós, mães e filhas), verdadeiras peritas em «economia moral», um papel muito especial como pilares da família e da sociedade, pelo seu altruísmo genético, pelas suas capacidades mediadora e de sobrevivência e pelas suas competências sociais e emocionais (cf. *ibid.*, pp. 132 ss., 148).

Com efeito, tanto Schirrmacher como Pio Abreu consideram que este importante papel da mulher em famílias com um pai e uma mãe se encontra ameaçado por um certo individualismo feminino, defendido pelos movimentos feministas, que tende a nivelar as diferenças de género, redundando num decréscimo da taxa de natalidade e num significativo aumento de famílias monoparentais.

O facto de Schirrmacher defender a importância destes papéis sociais da mulher, que, tal como Pio Abreu, considera decorrentes das suas próprias

características biológicas, fez dele o alvo de contundentes reacções de feministas no meios de comunicação social alemães (cf. Ramalheira, 2012, *passim*). Pio Abreu (que não terá lido Schirmmacher no original, mas de cuja obra decerto já terá ouvido falar) acrescentaria que as mulheres seriam muito mais felizes no desempenho destes papéis, se soubessem estimular a identidade do homem masculino heterossexual, mostrando-se muito mais receptivas à sua alteridade biológica e comportamental.

3. O «movimento cultural do *politicamente correcto*»

Uma outra questão levantada por Pio Abreu na obra em apreço prende-se com o «movimento cultural do *politicamente correcto*», que «avançou com a ajuda das sociólogas e, às vezes, dos sociólogos feministas que ench[em] as universidades» (cf. Abreu, 2016, p. 100). De acordo com este movimento, «a escolha do género – masculino ou feminino – dependia dos estereótipos culturais atribuídos a homens e mulheres» (*ibid.*). O comportamento seria «determinado pela cultura e, acima de tudo, pela língua, que discrimina as mulheres, entre outros grupos e identidades minoritárias» (cf. *ibid.*, p. 99-100).

Segundo Pio Abreu esta cultura do politicamente correcto tem vindo a instalar-se na Escola, na Política, nos meios de comunicação social e até na definição dos critérios de doenças (hoje eufemisticamente apelidadas de *disorders*). Em última instância, o Médico Psiquiatra interroga-se não só sobre as consequências sociais e para a felicidade humana, em particular dos «homens masculinos heterossexuais», destes discursos feministas emancipatórios, mas também sobre a influência de *lobbies* poderosos, como os da indústria farmacêutica, das minorias sexuais, entre outros, no âmbito de certas engenharias sociais que tendem a destruir as diferenças de identidade de género e a intensificar o individualismo e o hedonismo.

Curiosamente, no livro *Ego: O Jogo da Vida* (*Ego: Das Spiel des Lebens*, 2013), também este um enorme *bestseller* nacional e internacional, Schirmmacher discorre sobre uma nova «guerra fria» em curso na nossa sociedade: a da manipulação. Schirmmacher defende que nós já não somos donos do nosso próprio destino, que «o jogo da vida» (*Spiel des Lebens*) se desenrola sem que nele possamos de facto participar. O livro levanta questões sobre a liberdade de escolha das pessoas e sobre a capacidade de os Estados assegurarem uma verdadeira democracia perante uma Economia manipulada por monstros

automatizados, de um egoísmo radical e sem moralidade. Schirrmacher afirma que, após o fim da Guerra Fria, eclodiu uma «nova guerra fria» (*neuer kalter Krieg*) no coração da sociedade do século XXI, protagonizada pelo *homo oeconomicus* moderno (Schirrmacher, 2013, p. 14, *passim*). Este *homo oeconomicus* moderno é um ser humano egoísta, interessado apenas no lucro, sem olhar a meios para atingir os seus fins. Usa a nova era de informação capitalista para ler, controlar e influenciar o pensamento com vista a criar necessidades, conjecturar preços e antecipar riscos. Ele controla o mercado de acções, usa algoritmos e grandes bases de dados, inteirando-se detalhadamente das nossas preferências a fim de nos vender as suas mercadorias. Tornámo-nos assim, na opinião de Schirrmacher, em marionetes de um monstro (cf. *ibid.*, p. 42, ss). Resta saber até que ponto é que os objectivos deste *homo oeconomicus* – «uma espécie de duplo virtual» [*eine Art virtuellen Doppelgängers*], que Schirrmacher alude por «Número 2» (*Nummer 2*) – (*ibid.*, pp. 28, 29) não se prendem com engenharias sociais, associadas à imposição de discursos politicamente correctos, que tendem inclusivamente a intensificar o nivelamento dos géneros, com todas as consequências que tal acarreta nos planos afectivo, familiar e social. Neste contexto, vem-me à cabeça a lúcida obra *What Money Can't Buy: The Moral Limits of Markets* (2012), em que Michael J. Sandel, filósofo e Professor de Filosofia Política da Universidade de Harvard, alerta precisamente para os limites morais dos mercados, num mundo norteado pelo poder financeiro e em que há cada vez menos bens não transacionáveis (vd. Sandel, 2012), contestando a ideia da neutralidade moral dos mercados.

Curiosamente, num interessante artigo publicado na *Harvard Business Review* poucos dias antes da apresentação do livro de Pio Abreu em Coimbra, Joan C. Williams, professora de Direito na Universidade da Califórnia, enfatizava, a propósito da vitória de Donald Trump nos Estados Unidos da América do Norte, a importância da dignidade masculina para os homens da classe trabalhadora (cf. Williams, 2016). Trump promete-lhes um mundo livre de discursos e de medidas politicamente correctas, um retorno a uma era anterior, quando os homens eram homens e as mulheres sabiam o seu lugar (cf. *ibid.*). Este discurso, na opinião de Williams, é «comida de conforto para homens com formação ao nível do Ensino Secundário» (*comfort food for high-school-educated guys*), que se sentem como perdedores, tornando-se assim particularmente receptivos ao discurso populista de Trump. A dignidade masculina, como sublinha Joan C. Williams, prende-se com o *status* de quem ganha pão. Muitos ainda medem a masculinidade pelo tamanho do salário e os salários dos homens da classe trabalhadora branca atingiram os níveis na

década de 1970, tendo sofrido um duro golpe durante a Grande Recessão que culminou com a crise financeira de 2007-2008. Segundo Williams, a maioria dos homens, como a maioria das mulheres, procura cumprir os ideais com os quais cresceu. O que muitos homens de colarinho azul querem é ver assegurada sua dignidade, no respeito pela sua diversidade em relação às mulheres. Williams chama a atenção para a solução avançada pelos democratas num artigo publicado no *New York Times*, em que se aconselhava os homens com educação escolar a realizar trabalhos de colarinho rosa, sublinhando que não são os homens de elite que estão a inundar o trabalho tradicionalmente feminino. É o contrário.

Num mundo cada vez mais individualista e hedonista, num mundo em que os jovens são diariamente confrontados com uma cultura relativista, vazia e empobrecedora, num mundo em que os valores intemporais são postos em causa por ideologias passageiras que tendem a discutir de forma muito superficial questões de uma extrema complexidade, num mundo em que está instalada uma espécie de cultura *light*, alimentada e intensificada por muito lixo televisivo, que tende a criar um terreno favorável à germinação de uma cultura em que o egoísmo e o relativismo são promovidos de forma por vezes até obscena; num mundo cada vez mais consumista, em que tudo gira a uma velocidade deveras tão alucinante quanto avessa à reflexão em torno das questões levantadas pela Ética e pela Bioética; num mundo espartilhado pelas lógicas amorais dessas entidades todo-poderosas e sem rosto que dão pelo nome de mercados, uma reflexão como a que é levada a cabo por Pio Abreu, que questiona o *mainstream* com bom senso e de forma cientificamente sustentada, ganha uma relevância muito, muito especial.

A Queda dos Machos. Cartas às Minhas Amigas constitui uma pertinente reflexão sobre o mundo em que vivemos, designadamente sobre as implicações individuais, relacionais e sociais decorrentes da questão da identidade de género, propagada pelo «movimento do politicamente correcto» e à qual não serão de modo algum alheios os objectivos do moderno *homo oeconomicus*, ou dos mercados que ele controla. Vale a pena ler esta obra de Pio Abreu pela irreverência desassomburada com que aborda um tema polémico, pela clareza da exposição de ideias, pelo saber de experiência feito e ainda pelo lúcido e fino humor que dela ressuma. Como uma das suas amigas a quem Pio Abreu deu a honra de dedicar estas cartas, só me resta responder-lhe: *I got the message!*

Referências bibliográficas

- ABREU, J. (2016). *A Queda dos Machos. Cartas às Minhas Amigas*. Lisboa: Dom Quixote.
- ASSMANN, A. (2006). *Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*. München: Beck.
- ASSMANN, J. (2006). Das kulturelle Gedächtnis. In J. A., *Thomas Mann und Ägypten. Mythos und Monotheismus in den Josephsromanen*. München: Beck, pp. 67-75.
- ASSMANN A. / ASSMANN, J. (1994). Das Gestern im Heute. Medien und soziales Gedächtnis. In K. Merten, S. Schmidt, S. Weischenberg (Hrsg.). *Die Wirklichkeit der Medien. Eine Einführung in Kommunikationswissenschaften*. Opladen: Westdeutscher Verlag, p. 114-140.
- POPPER, K. (1973). Erkenntnistheorie ohne erkennendes Subjekt. In K. P., *Objektive Erkenntnis. Ein evolutionärer Entwurf*. Hamburg: Hoffmann und Campe, pp. 123-171.
- POPPER, K. (1973a). Zur Theorie des objektiven Geistes. In K. P., *Objektive Erkenntnis. Ein evolutionärer Entwurf*. Hamburg: Hoffmann und Campe, pp. 172-212.
- RAMALHEIRA, A. (2012). A «guerra de gerações» e a «força primitiva» da família como «capital social» numa Europa envelhecida: *Das Methusalem-Komplott* (2004) e *Minimum* (2006) de Frank Schirrmacher, *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro-Letras*, Aveiro: Universidade de Aveiro, n.º 1 (II.ª série), pp. 233-264.
- SANDEL, M. (2012). *What Money Can't Buy. The Moral Limits of Markets*. New York: Farrar, Strauss and Giroux.
- SCHIRRMACHER, F. (2013). *Ego: Das Spiel des Lebens*. München: Verlag Karl Blessing.
- SCHIRRMACHER, F. (2004). *Das Methusalem-Komplott*. München: Karl Blessing Verlag.
- SCHIRRMACHER, F. (2006). *Minimum*. München: Karl Blessing Verlag.
- TORCZYNER, H. (1977). *Magritte, Ideas and Images*. Trad. inglesa por Richard Miller. New York: Harry N. Abrams.
- WILLIAMS, J. C. (2016). What so Many People Don't Get About the U.S. Working Class, *Harvard Business Review*, 10.11. URL: <https://hbr.org/2016/11/what-so-many-people-dont-get-about-the-u-s-working-class> (Acesso em Janeiro de 2017).